

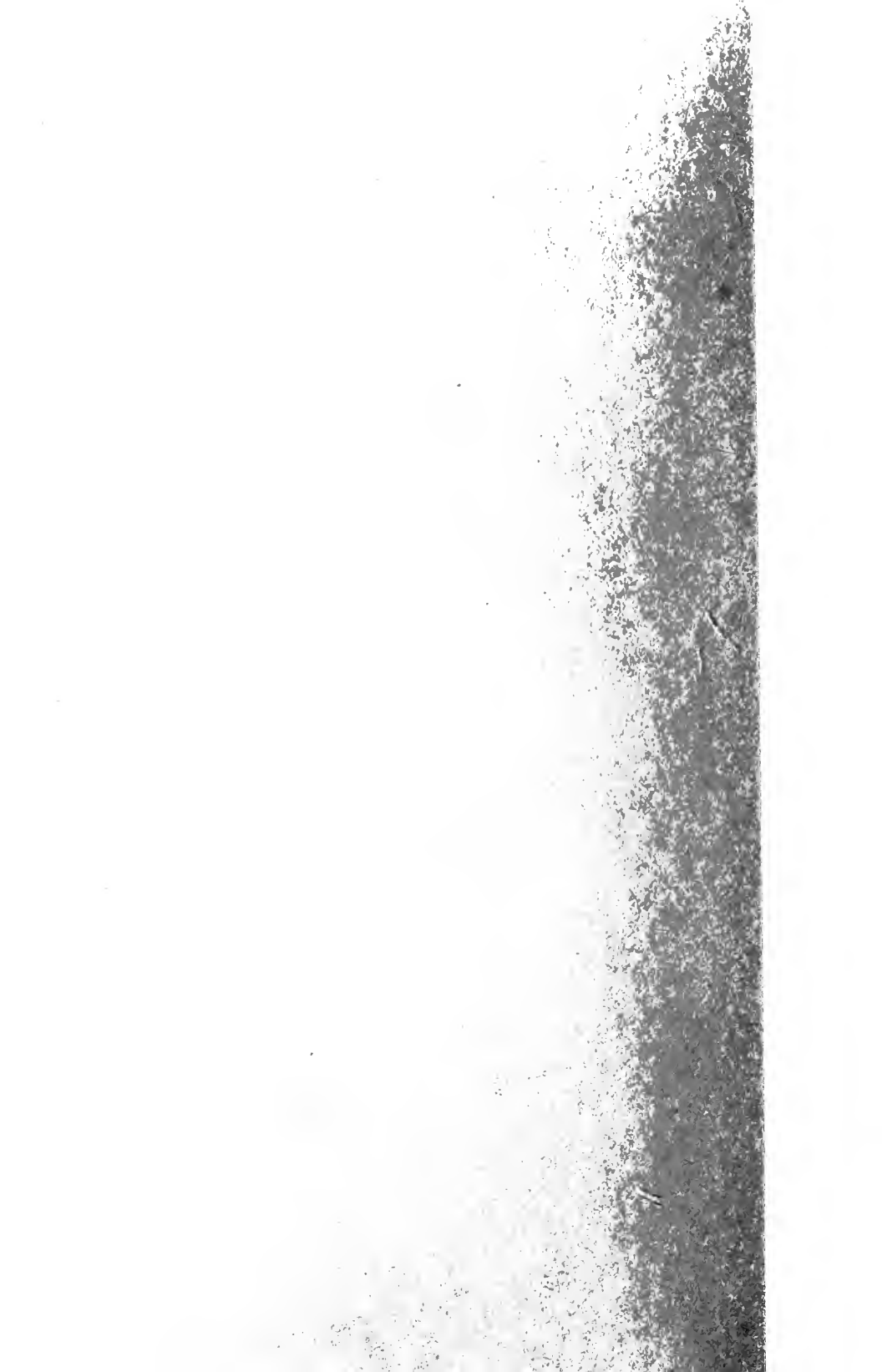


3 1761 06561866 2

BRIEF

DPB

0003906





O INFANTE
D. HENRIQUE

TRAÇOS BIOGRAPHICOS DO INCLITO «NAVEGADOR»

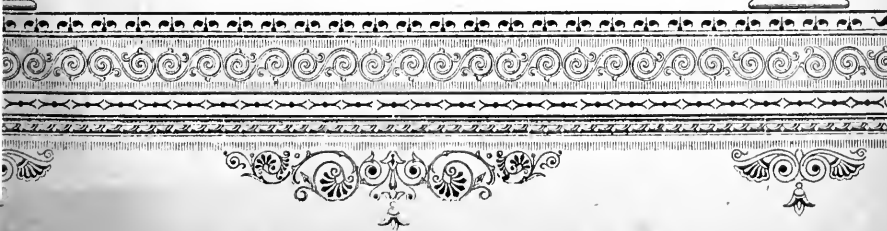
POR

TRISTÃO MORENO

PRECEDIDOS DO RETRATO DO INFANTE E SEGUIDOS
DO PROGRAMMA DOS FESTEJOS QUE SE HÃO-DE EFFECTUAR NO PORTO
PARA CÔMMEMORAR O SEU 5.^o CENTENARIO

EDIÇÃO POPULAR

IMPRESA COMMERCIAL
PORTO — RUA DOS LAVADOUROS — 16
1894



TALENT DE BIEN FAIRE



*«Quantos agora vos
invejam a ventura e
quantos depois vos hão
de invejar a fama!»*



Da Bibliotheca de
Antonio G. da R. Madahyt

Estante n.º

Volume n.º

O INFANTE
D. HENRIQUE

TRAÇOS BIOGRAPHICOS DO INCLITO «NAVEGADOR»

POR

TRISTÃO MORENO (n)

PRECEDIDOS DO RETRATO DO INFANTE

E

SEGUIDOS DO PROGRAMMA

DOS FESTEJOS QUE SE HÃO-DE EFFECTUAR NO PORTO
PARA COMMEMORAR O SEU 5.º CENTENARIO

EDIÇÃO POPULAR

IMPRESA COMMERCIAL
PORTO — RUA DOS LAVADOUROS — 16
1894



INFANTE
D. HENRIQUE
5.º CENTENARIO
(1594—1894)



Não consentiu a morte tantos annos
Que de Heroe tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os córos soberanos
Do céo supremo quiz que povoasse.
Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou Quem o levou, quem governasse
E augmentasse a terra mais que d'antes
Inclita geração, altos Infantes.

(CAMÕES — *Canto 4.º, Est. 50*).

FOI no Porto, a invicta cidade da Virgem,
berço de varões illustres nas letras, sciencias e artes, que nasceu no dia 4 de Março de 1394, o glorioso Infante D. Henrique.
Approuve ao Céu abençoar o thalamo nupcial dos reaes consortes, D. João I e D. Philippa de Lencastre, com o nascimento d'este filho insigne, irmão de D. Duarte, o Eloquentente; de D. Pedro, o Sabio; de D. Fernando, o Santo; e de D. João, o Batalhador.

Mais do que nunca se verificou á letra, a respeito do excelso Infante, o proloquio «tal pae, tal filho». Em verdade, é raro apparecer na historia dos povos um progenitor tão illustre, qual foi D. João I, o popular Mestre d'Aviz, modelo acabado de virtudes domesticas e civicas; e um descendente, como D. Hen-

rique, que se immortalisou a si e coroou a Patria de gloria pelas suas conquistas e descobrimentos, que lhe valeram o bem merecido epitheto de — Navegador.

Seria a mais flagrante das injustiças deixar no silencio o nome da inclita rainha, D. Philippa de Lencastre, prototypo da mãe christã, que tanto contribuiu para a ventura do povo portuguez, inoculando os sentimentos da mais viva fé e acrysolado amor da Patria no animo juvenil de seus filhos.

Bem podéra dizer esta sabia educadora e santa mãe, ao vêr-se rodeada de seus filhos, como a celebre mãe dos Gracchos: « *São estas as minhas joias e os meus enfeites mais preciosos* ».

E á semelhança do povo romano, que erigiu uma estatua de bronze, ainda em vida, á celebre matrona romana, esculpindo-lhe no pedestal = A Cornelia, mãe dos Gracchos =, podéra o povo portuguez, com maior rasão, levantar outra á virtuosa rainha com a seguinte legenda = A Philippa de Lencastre, mãe de Henrique =.

Esboçarei a largos traços o retrato physico e moral do heroico Infante, que, no dizer de illustres chronicistas, reunia os mais invejaveis predicados, que Deus costuma liberalisar aos seus eleitos.

Era o Infante D. Henrique bem apessoado; o semblante, de branco e mimoso que era, tornára-se trigueiro e duro, por causa dos ardores do sol; os cabellos, negros e espessos; negros tambem os olhos; e o bigode farto.

Todos os seus biographos affirmam que o Infante era dotado de excellentes qualidades: vontade firme, coração forte, engenho penetrante, animo generoso e affavel. Era notoria a sua temperança e castidade, que sempre prezou como joia preciosa.

Era ainda de tenra idade e já velava as noites,

todo absorto no estudo das cartas geographicas e na leitura de historiadores e geographos.

Cedo madrugou n'elle o gosto pela carreira das armas e pela navegação, seu unico enlêvo. Ao passo que o seu lucido espirito se ia desenvolvendo, mais e mais se accentuava n'elle o desejo ardente de levar a fé christã a longes terras e de rasgar novos horisontes para a Patria, que tomára a peito engrandecer.

Os seus arreigados sentimentos religiosos e a sua sincera piedade impelliam-n'o a offerecer a Deus todas as acções que praticava. E, no dizer do nosso elegante escriptor Rebello da Silva «pela dilatação da fé e propagação da palavra evangelica nas terras infieis e ignoradas, começou a arriscar os thesouros, e daria de bom grado o sangue e a vida. Nos descobrimentos, a maior gloria para elle foi sujeitar á Egreja novos rebanhos de crentes convertidos».

Com effeito, a causa principal das suas conquistas e descobertas maritimas fôra levar a luz da fé ás gentes infieis e submettel-as á gloriosa bandeira das quas.

Desejando um dia D. João I, o «Heroe ditoso» d'Aljubarrota, armar cavalleiros a seus filhos, determinou com esse fim celebrar festas reaes e convidar para ellas os cavalleiros nacionaes e estrangeiros, que mais se tivessem distinguido nas justas e torneios.

Não eram, porém, as honras de simples cavalleiros cousa que satisfizesse as elevadas aspirações de almas ardentes e carâcteres de rija tempera. Por isso, os Infantes, principalmente D. Henrique, segundo o illustre membro da Academia Real da Historia, D. Antonio Caetano de Sousa «não tendo por gloria o haver de ser armado cavalleiro na paz, entre os divertimentos de justas, torneios e outros jogos e exer-

cícios militares, que, ainda que luzidas invenções, não eram mais que apparentes, pelas quaes não podia conseguir nome, lembrou a El-Rei que podia emprender facção em Africa contra os mouros, que, sendo gloriosa ás suas armas, podesse elle conseguir com seus irmãos reputação pelas proprias acções, com que merecessem dignamente a ordem de Cavallaria que desejavam. Esta pratica do Infante, que nos circumstantes passou por mais um conhecimento do seu elevado animo, e por materia sem effeito e quasi de nenhuma consequencia, foi uma inspiração que fez entrar a El-Rei na ideia de conquistar a cidade de Ceuta aos mouros. Determinada a empresa, como fica referido, o primeiro que desembarcou e pisou terra d' Africa foi o Infante D. Henrique, que, combatendo os mouros, conseguiu coroar-se de immortal gloria n'aquella occasião, de que tinha por testemunhas não menos que El-Rei, seu pai, o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, o conde de Barcellos, seu irmão e todos os de mais cabos com aquella luzida gente de tropas veteranas, costumadas a vencer».

Segundo a lettra das chronicas, em que se relata a tomada de Ceuta (1415) «Disposto tudo, e já prompto o Infante á Acção, mandou ao seu capellão-mór, Martim Paes, que, com a presença do Senhor das Victorias, (que trazia na sua galé sacramentado em publica exposição) absolvesse a todos na fórmula da Bulla da Cruzada e os animasse a tão santa empresa. E não se dando ainda por satisfeita a sua religião (porque em pontos d'esta virtude não tinha igual) ordenou ao dito Martim Paes que com os outros capellães estivessem psalmeando na presença do Sacramento, emquanto não levassem em triumpho á Praça, ao Deus dos exercitos. Fortalecidos todos com o Divino Pão dos Fortes, é fama que o Infante, cheio de um novo ex-

forço, inspirado pela religião, os exhortara n'estes termos succintos — « *Companheiros, dá-se principio á gloriosa empresa e tendes vós a honra de ser os primeiros. Quantos agora vos invejam a ventura e quantos depois vos hão de invejar a fama! Bem vedes que jámais pegastes em armas para causa mais nobre: antes pelejastes pelos interesses da vossa Patria, hoje pelos da vossa Religião. Feliz aquelle para o Céu e para o Mundo, que primeiro ou arvorar a bandeira do seu Rei n'aquellas muralhas, ou testemunhar com a morte o zelo pelo seu Deus. Vamos.* »

O valor do Infante D. Henrique na tomada de Ceuta tocou as raias do heroismo, achando-se d'uma vez quasi só em frente de numerosos mouros, contra os quaes sustentou vigoroso ataque n'uma das ruas mais estreitas da cidade.

Em breve echoou ao longe a feliz nova da tomada d'esta Praça, o que fez rejubilar todas as nações christãs pelo bem succedido de tão arriscada empresa; e a fama empunhou a sua tuba sonora para fazer conhecidas em toda a parte as gloriosas façanhas « *do peito illustre lusitano, a quem Neptuno e Marte obedeceram* ».

Não é, porém, sómente digno de recordar-se tão illustre feito d'armas pela conquista do principal reducto em que a mourisma se entrincheirava, mas tambem pelas consequencias de extraordinario alcance que d'elle se derivaram.

Este arrojado commettimento inspirou vastos projectos e foi o germen fecundo de famosos descobrimentos, que tanto illustraram o nome portuguez.

Effectivamente Ceuta, no juizo d'um illustre escriptor estrangeiro, foi o primeiro elo da longa cadeia que os marinheiros portuguezes estenderam em volta da costa d'Africa, o ultimo dos quaes se prendeu ao

paraíso da Índia. Desde esta epocha memoravel começou este povo a seguir novo rumo, voltando todo o engenho do seu elevado espirito para as empresas maritimas, com o fim de rasgar novos horisontes á civilisação e ao commercio:

Deixadas as adustas plagas d'Africa e volvidos que foram os infantes á Patria, deu-se pressa El-Rei D. João I em premiar condignamente as façanhas de seus estremecidos filhos, que tão intrepidos se tinham mostrado na feliz jornada de Ceuta.

Depois de lhes tecer os maiores elogios, nomeou solememente em Tavira duque de Coimbra ao Infante D. Pedro, e duque de Vizeu ao Infante D. Henrique; e dirigindo-se a este, accrescentou: *«E porque vós na Empresa tivestes maior trabalho que os outros, e para ella concorrestes com mais grossas despezas, tambem vos faço Senhor da Covilhã.»*

Foi tambem D. Henrique mestre da Ordem de Christo, de cujo thesouro applicava quantiosas sommas aos progressos da navegação, que, por equal, lhe absorviam grande parte dos consideraveis rendimentos que tinha como duque de Vizeu, chegando a equipar navios á sua custa.

* * *

Começara cedo D. Henrique a contemplar a vastidão do Oceano, quedando-se por vezes horas esquecidas a fitar o horisonte, como quem queria perscrutar as ignotas regiões que para além d'elle havia.

Tinha o Infante decidida vocação para as mathematicas, para a sciencia nautica, e, em geral, grande amor pela cultura das lettras de que foi desvelado protector. Cedeu o seu Paço de Lisboa para n'elle se

installarem as aulas publicas, «consignando-lhes rendas para a sua conservação e engrandecimento».

Ancioso de descobrimentos, escolheu para residencia o promontorio de Sagres (no Algarve), o qual, pela sua grande elevação, era mais appropriado ás suas observações e á meditação dos altos commettimentos maritimos.

Foi n'esta villa que elle fundou um observatorio astronomico, talvez o primeiro na Europa, e n'elle abriu uma eschola nautica, chegando elle proprio a leccionar os seus servidores, iniciando-os no estudo da geographia, no uso dos mappas e instrumentos proprios para a navegação. Curou igualmente de mandar fazer estalleiros, onde se construíram as caravellas que, desaferrando do porto de Sagres, levaram a longes mares os arrojados navegantes, que, com seus descobrimentos, immortalisaram a nação portugueza, e abriram para a Europa inteira uma epocha de riqueza e esplendor.

Em 1412 tinham partido os primeiros navios com ordem de costear as terras d'Africa e de passar além do cabo Nam. Foi, porém, infructifera esta expedição.

Como os heroicos escudeiros da Casa do Infante D. Henrique, João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz, que tantas provas de subido valor tinham dado na conquista de Ceuta, lhe rogassem com vivas instancias houvesse por bem commetter-lhes a realisação do seu constante ideal, o excelso Infante, que muito fiava d'estes animosos mancebos, deferiu jubiloso a sua petição.

Depois de varias instrucções do Infante, partem os intrepidos nautas em 1418, com o mandado de correr as costas da Barbaria e dobrar o cabo Bojador. Como os ventos lhes fossem adversos, tiveram

de arribar a uma pequena ilha, que baptizaram com o nome de Porto-Santo, pelo almejado abrigo que n'ella se lhes deparou.

Estava dado o primeiro impulso; e desde este momento, o gosto dos marinheiros portuguezes pelas ariscadas navegações accentua-se a olhos vistos. Voltando os audaciosos navegantes ao Algarve, trouxeram a feliz nova ao illustre Argonauta, que lhes fez o mais lisongeiro acolhimento. Os ousados exploradores, a breve trecho, tentaram nova expedição, de que resultou descobrirem no anno seguinte (1419) a formosa ilha da Madeira, com as suas florestas ainda virgens.

Mas o sonho dourado que, havia doze annos, era a preocupação continua do Infante, ainda estava longe de ser uma realidade; não passava por emquanto d'um formoso ideal a sorrir-lhe com seductoras côres.

Ninguem se sentia bastante ousado para arrostar com os perigos, tidos por insuperaveis, a que tinha de expôr-se aquelle que intentasse transpôr o cabo *tenebroso*; ninguem tinha animo bastante para rasgar o espesso e mysterioso veu, em que se achavam involvidas aquellas ignotas paragens.

Até que, em fim, Gil Eannes (de Lagos) para satisfazer os ardentes desejos de seu Amo, o immortal Navegador, se offereceu para levar a cabo o perigosissimo empreendimento de dobrar o cabo Bojador; o que levou a effeito com feliz exito no memoravel anno de 1429.

Quebrado o encanto, que por tantos annos fôra barreira invencivel aos marinheiros, regressa á Patria todo ufano Gil Eannes, desembarcando em Lagos, onde foi recebido pelo sabio cosmographo D. Henrique, com as demonstrações do mais vivo enthusias-

mo, por vêr alfim realisado o seu grandioso projecto de ha tantos annos.

Era insaciavel de gloria aquella grande alma do Infante; continuou, portanto, a promover mais expedições. Gonçalo Velho Cabral descobriu o archipelago dos Açores em 1432-1434 e Diniz Fernandes, o Senegal em 1440.

Sob o mesmo impulso, Cadamosto (de Veneza) e Antonio de Nola (de Genova), que vieram offerecer os seus serviços ao glorioso Infante, descobriram em 1446 o archipelago de Cabo Verde.

E assim se foi avançando até á Serra Leôa, o que equivalia a quasi 370 leguas de costa africana explorada, quando o Infante morreu.

Ambicionava o egregio Navegador proseguir nas suas empresas maritimas.

Approuve, porém, a Deus dar por finda carreira já tão gloriosa e chamal-o d'esta terra, que lhe fôra berço, para essa Patria immortal, onde foi receber o galardão de tantos feitos heroicos, inspirados pela sua fé ardentissima e por um insaciavel desejo de bem fazer, sua constante divisa: *Talent de bien faire*.

Escreve um distincto litterato contemporaneo: «O excelso Infante D. Henrique baixa á sepultura. MAS NÃO MORRE, PORQUE HOMENS COMO D. HENRIQUE NÃO MORREM. D'além da Campa continúa a vigiar, proteger e guiar os portuguezes. E se a morte — em captiveiro — de seu irmão, o Infante Santo ¹, devia ser nuvem negra a escurecer-lhe

¹ Após 6 annos de insultos e maus tratos voluntariamente supportados com heroica resignação christã, por amor da Religião e da Patria, morreu em estreita masmorra, na cidade de Fez, a 5 de Julho de 1443, o Infante D. Fernando, que ficou em refem em poder dos mouros, depois do desastre de Tanger!

os derradeiros momentos, as ilhas da Madeira, dos Açores e dezoito graus da terra africana, seriam outros tantos astros a illuminar-lhe o caminho da eternidade e apontar-lhe a futura grandeza de Portugal. Repouse o inclito varão. Sirva-lhe de funebre distico o *mote* predilecto; e *talent de bien faire* seja o epitaphio do immortal Infante D. Henrique.»

O Infante D. Henrique finou-se em Sagres, a 13 de Novembro de 1460. O seu privilegiado espirito, ao subir ás regiões da immortalidade, deixou após de si um sulco de resplandecente luz que ainda hoje projecta vivido clarão sobre este povo, que na sua idade d'ouro assombrou o mundo.

Seus restos mortaes foram depositados na egreja principal de Lagos (Algarve) e de lá trasladados para o real mosteiro da Batalha, por ordem do Infante D. Fernando, pae d'El-Rei D. Manuel que concorreu para a merecida glorificação do benemerito Infante D. Henrique, mandando-lhe erigir uma estatua na soberba fachada do magestoso templo dos Jeronimos, em Belem.

O Rei *Venturoso*, mandando ao illustre Vasco da Gama que fosse descobrir a India, não fez mais que pôr magestoso remate á grandiosa obra, iniciada pelo inolvidavel Infante D. Henrique.



PROGRAMMA DOS FESTEJOS

DIA 1.º DE MARÇO

Chegada de SS. MM.

DIA 2

Recepção official no palacio da Torre da Marca e ás 3 h. da tarde abertura da Exposição Insular e Colonial no Palacio de Crystal.

DIA 3

Festejos promovidos pela municipalidade: grande alvorada; cortejo civico ás 11 h. da manhã com carros allegoricos e o concurso de todas as corporações portuenses; descerramento da lapide commemorativa no predio edificado no sitio onde o infante nasceu á rua da Alfandega Velha; grande apothese no campo da Regeneração, cantando-se a marcha triumphal de Alfredo Keil, composta expressamente para mais de 800 executantes. A' noute conferencia e sarau no salão nobre da Associação Commercial. O cortejo formar-se-ha na rua do Anjo e em volta do jardim da Cordoaria, seguindo pelas ruas das Carmelitas e Clerigos, praça de D. Pedro, ruas de Sá da Bandeira, Formosa, Santa Catharina, Santo Antonio, Feira de S. Bento, rua das Flores, largo de S. Domingos, ruas de Ferreira Borges e Infante D. Henrique. Ao chegar o estandarte da camara ao sitio em frente da casa onde o infante nasceu, descem os veadores e a commissão até ao local onde está a lapide e S. M. el-rei descerra a cortina que a encobre. O cortejo seguirá pelas ruas de S. João, Mousinho da Silveira e D. Maria II, largo dos Loyos, rua do Almada e campo da Regeneração. A familia real assistirá ao desfilar, indo para a secretaria do quartel de Santo Ovidio; os carros allegoricos não entrarão no campo; entrarão, porém, todos os convidados e corporações que forem no cortejo. Os executantes da marcha reunirão na igreja da Lapa e d'alli seguem sob fórma para o corêto que está no campo. Ao centro d'este elevar-se-ha o monumento allegorico e em volta achar-se-ha postada uma força de cavallaria para que o amplo recinto esteja todo livre. A' noute haverá illuminações em todos os edificios publicos e nas ruas onde se formaram commissões.

DIA 4

Cortejo fluvial no rio Douro com o concurso dos clubs fluviaes e corporações marítimas. Uma caravella do seculo XV conduzirá desde a Foz até ao caes da Ribeira a primeira pedra do monumento, que vem do promontorio de Sagres, onde o infante fundou a sua eschola de navegadores. A's 3 h. da tarde, cerimonia do lançamento da primeira pedra do monumento na praça fronteira ao edificio da Associação Commercial. A' noute, espectáculo de gala no theatro de S. João e illuminações.

DIA 5

Sessão solemne ao meio dia no edificio da Bibliotheca Publica, a S. Lazaro. A's 3 h. da tarde, abertura da exposição agricola e industrial de Villa Nova de Gaya. A' noute baile real e illuminações.

Além d'isto haverá mais:

Revista militar, bôjo aos pobres e festa de beneficencia na casa da Real Associação dos Bombeiros Voluntarios do Porto, corridas de velocipedes, corridas de touros, festivaes no Palacio de Crystal, sessões solemnes, espectaculos e uma série de conferencias elucidativas a respeito de assumptos historicos e coloniaes no Palacio de Crystal.

CORTEJO FLUVIAL

Serão embandeiradas as duas margens do rio Douro até á Foz. Os seis rebocadores *Veloz, Galgo, Liberal, Lynce, Leão, Tito e Flavio*, estarão fundeados proximo á Foz. As embarcações que quizerem tomar parte no cortejo seguem pelo rio abaixo á hora que lhes aprouver; mas devem estar na Foz ao meio dia.

A' 1 h. da tarde, depois de passada a pedra de bordo do navio de guerra que a conduz para a caravella historica, será annunciada a marcha por girandolas de foguetes, seguindo logo o cortejo até ás escadas da Rainha, onde se faz o desembarque. O Real Club Fluvial Portuense faz com os seus escaleres a guarda de honra á caravella e os outros barcos vêem todos a reboque nos lugares que lhes são marcados.

Da Ribeira até ao local do monumento é a pedra conduzida em um carro allegorico e acompanhada por todas as corporações que tomarem parte no cortejo fluvial.

VENDE-SE

Na Typographia Social — Largo dos Loyos, 59.

Na loja de chá de José Bernardo Carlos das Neves — Rua das Flores, 224.

Em todas as livrarias, papelarias, tabacarias, kiosques, etc.

DEPOSITO

Na Imprensa Commercial — Rua dos Lavadouros 16.

PREÇO 50 REIS

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF

DPB

0003906

01827150

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 13 22 10 007 5